

O Ciclo Transformador de Dar e Receber

Uma Exposição sobre a Prática de Dakshina Siddha Yoga

Por Mark McLaughlin

No caminho de Siddha Yoga, o mês de Gurupurnima é um momento para honrar e venerar Shri Guru, de refletir sobre as bênçãos abundantes que Shri Guru concede e de expressar gratidão por todas as maneiras que a graça de Shri Guru se manifesta em nossas vidas. Uma prática integral das celebrações durante o mês de Gurupurnima é a oferenda de *dakshina*.

Dakshina é a prática de fazer uma oferenda monetária ao Guru e é uma prática central no caminho de Siddha Yoga. Quando os estudantes oferecem *dakshina* regularmente, eles participam de um poderoso ciclo de dar e receber.

Na criação, encontramos muitos exemplos do ciclo de dar e receber. As águas dos rios, lagos e oceanos se evaporam em nuvens; e as nuvens retornam esta mesma água na forma de chuva, que é vital. As plantas recebem o dióxido de carbono do ar e devolvem oxigênio; os animais inspiram o oxigênio e devolvem o dióxido de carbono, sustentando a vida neste planeta. Um agricultor coloca seu esforço para cultivar a terra e torná-la mais fértil e a terra, em retorno, produz colheitas de alimento; esse alimento, então, nutre o agricultor e a comunidade ao seu redor. Onde quer que olhemos, percebemos o ciclo de dar e receber e vemos como este ciclo sustenta a si mesmo e, ao mesmo tempo, nutre as atividades da vida.

Nos tempos antigos, os videntes Védicos buscaram alinhar os *yajnas* ou rituais do fogo ao ciclo de dar e receber. Em um *yajna*, o sacerdote responsável faz oferendas, frequentemente chamadas de *ahutis* (oblações), a um fogo sagrado – um símbolo da luz da Consciência que está presente em toda parte na criação. Por ser o *yajna* um ato de adoração, os sacerdotes oferecem apenas os melhores ingredientes – leite, manteiga clarificada, mel, grãos, semente de gergelim, arroz e outros símbolos da abundância da natureza. Aqueles que oferecem o *yajna* entendem que a abundância

que resultar do seu ritual não é da sua escolha – isso é para a dimensão do Divino determinar. O *dharma*, o dever, de quem oferece é doar, fazer oferendas generosas.

Os sábios que formularam as práticas de yoga extraíram a inspiração do princípio de dar e receber que é o fundamento do *yajna*. De muitas maneiras as práticas yóguicas espelham os *ahutis* dos rituais védicos. Eles orientam o estudante espiritual a se oferecer a Deus – a oferecer seus pensamentos, fala e ações. Em práticas de meditação recomendadas pelas escrituras, como a *Bhagavad Gita*¹ e *Vijnana Bhairava*², concebe-se a luz do Ser, como um fogo, ao qual são oferecidas as atividades mentais e os objetos dos sentidos da percepção, para que sejam dissolvidos na Consciência. Outro exemplo é o canto ou recitação de mantras; em que o indivíduo oferece sua voz plena em louvor ou invocação ao Divino. E o *seva*, em que as ações são oferecidas como serviço altruístico ao Guru.

Da mesma forma, a prática de *dakshina* evoluiu desta tradição sagrada de se doar. *Dakshina* é uma forma de adoração, uma maneira de presentear os frutos do seu trabalho à luz do Divino. Um dos significados tradicionais da palavra sânscrita *dakshina* é “uma oferenda que o estudante faz a um professor”. Através deste ato de doar, o estudante reconhece o valor do conhecimento recebido do professor.

Como todas as práticas espirituais, *dakshina* concede a realização mais profunda quando é realizada altruisticamente, com dedicação e entendimento correto. Quando um discípulo pratica *dakshina* regularmente, ele nutre a transformação interior que o Guru desencadeou – até que, finalmente, o discípulo se torna estabelecido no estado que o Guru incorpora. O Guru alcançou *pūrṇatā*, a plenitude e perfeição do supremo Ser, que é lindamente representada pela lua cheia. Quando oferece *dakshina*, o discípulo compreende que o reconhecimento da plenitude e perfeição de seu próprio Ser, que é o fruto da *sadhana*, encontra-se na benevolência iluminadora da graça de Shri Guru.

Uma história do *Chandogya Upanishad* ilustra lindamente o poder de *dakshina*.

Um dia, Satyakama Jabala, um jovem buscador de uma família humilde, aproximou-se do Guru, Gautama, e pediu para ser aceito como estudante.

Satyakama desejava aprender o conhecimento de Brahman, o Absoluto. O Guru

¹ *Bhagavad Gita* 4.27.

² *Vijnana Bhairava* v. 149.

aceitou Satyakama. Entretanto, antes de transmitir os ensinamentos sobre Brahman, o Guru deu a Satyakama quatrocentas cabeças de gado magras e fracas e o instruiu para cuidar bem delas.

Enquanto levava o gado para pastar na floresta, Satyakama prometeu a si mesmo: “Eu não vou retornar ao meu professor até alcançar mil cabeças de gado”. Para Satyakama, essas vacas adicionais representavam a riqueza que poderia surgir a partir de seus esforços e a possibilidade de oferecer *dakshina* a seu Guru, como resultado do seu trabalho.

Por anos, Satyakama viveu na floresta cuidando do gado amavelmente. Pelo fato de Satyakama cuidar dele tão fielmente, o gado ficou forte e saudável e se multiplicou, atingindo finalmente mil cabeças. Um dia o touro do rebanho se dirigiu a ele: “Ó Satyakama, agora existem mil de nós. Leve-nos à casa do professor”. Para espanto de Satyakama, o touro então começou a explicar um aspecto de Brahman.

Enquanto Satyakama realizava sua jornada de volta à casa de seu Guru, a cada dia os elementos naturais e as criaturas elucidavam um aspecto diferente de Brahman. Primeiro, um pequeno fogo explicou Brahman para ele – depois um ganso selvagem e depois uma ave aquática. Para seu contínuo espanto, Satyakama recebeu ensinamentos profundos sobre a radiância e a infinitude do Absoluto durante toda a sua rota.

Quando Satyakama chegou de volta à casa de seu Guru com mil cabeças de gado, ele brilhava com a luz de sua realização. Satisfeito, Gautama disse: “Você brilha como um conhecedor de Brahman”; e perguntou: “Quem te deu esses ensinamentos?”

Satyakama respondeu: “Aqueles que são diferentes dos seres humanos me transmitiram esses ensinamentos. Entretanto, meu venerado Guru, continuo ansiando pelo conhecimento completo do Absoluto, então, por favor, instrua-me”. Então, Gautama transmitiu a Satyakama os ensinamentos restantes, aperfeiçoando o entendimento de Satyakama sobre o Absoluto.

Esta história contém várias lições significativas sobre *dakshina*. Satyakama Jabala tinha um forte anseio para conhecer Deus e ele buscou um Mestre que pudesse transmitir esse conhecimento a ele. Enquanto levava as vacas magras para pastar na

floresta, Satyakama estabeleceu uma intenção e prometeu retornar com *dakshina* para seu Guru. E por que Satyakama permaneceu fiel a sua intenção de oferecer, foi capaz de perceber a graça do Guru e o conhecimento emanou ao seu redor. Fogo, animais, pássaros e o próprio gado precioso, inundaram Satyakama com insights sobre yoga e acenderam a chama do conhecimento interior. A história ilustra soberbamente a importância de *dar* no ciclo de dar e receber que encontra-se no âmago da relação do discípulo com o Guru.

Ao oferecer *dakshina*, ao participar do ciclo de dar e receber, é importante para o discípulo manter o foco em dar. Assim como oferecer *ahutis*, as oblações num *yajna*, o ato de se dar à *sadhana* liberta o discípulo das noções limitantes e as restaura em sua verdadeira natureza. Como implícito na história do *Chandogya Upanishad*, o discípulo confia que os frutos da *sadhana* chegarão na hora certa.

É por isso que oferecer *dakshina*, como outras práticas yóguicas, deve ser realizada sem expectativa. Ao oferecer ao Guru com uma atitude altruísta, o discípulo cultiva virtudes como generosidade e gratidão, e se torna mais capaz de experimentar sua própria pureza inata. Ao honrar aquele que outorga a graça e o conhecimento verdadeiro, o discípulo se torna um com esse conhecimento – um com o êxtase do Ser.